

CURSO DE PSICOLOGIA

Andrieli Silveira dos Santos

**“Tem que aguentar a pressão”:
Como profissionais de saúde mental lidam com o medicar a infância e a adolescência**

Santa Cruz do Sul
2019

Andrieli Silveira dos Santos

**“Tem que aguentar a pressão”:
Como profissionais de saúde mental lidam com o medicar a infância e a adolescência**

Artigo de Trabalho de Curso II apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa integrante da disciplina Trabalho de Curso I.

Orientador: Jerto Cardoso da Silva

Santa Cruz do Sul

2019

RESUMO:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual buscou-se, através de entrevistas semiestruturadas, e a partir da Análise de Conteúdo, compreender como os profissionais de saúde mental, do interior do Rio Grande do Sul, que trabalham no atendimento à infância e à adolescência, lidam com a pressão social para medicar. Como percebem o medicar nessas fases da vida e em quais situações julgam como necessário o uso de medicação. Através dos relatos dos participantes, foi possível confirmar a existência de pressões ligadas ao medicar, bem como identificar de onde surgem. Durante o processo de análise as entrevistas foram transcritas na íntegra e após houve a categorização das falas, criando-se categorias intermediárias e finais, a partir disso surgiram as seguintes categorias como resultado desse estudo: “As pressões da sociedade no medicar”; “Estratégias para driblar a pressão”; “Quando o remédio é ‘bem-vindo’”; “A medicação como rápida solução para os problemas” e “Diagnosticar e medicar”.

Palavras chave: MEDICALIZAÇÃO; PRESSÃO SOCIAL; INFÂNCIA; ADOLESCÊNCIA; PSICOLOGIA.

ABSTRACT:

It is a qualitative research where we sought, through semi-structured interviews and utilizing Content Analysis, to understand how mental health professionals from the countryside of Rio Grande do Sul, who work in the care of childhood and adolescence, deal with the social pressure to medicate, how they perceive the medication in these phases of life and in which situations they judge the medication as necessary. Through the reports of the participants, it was possible to confirm that the participants feel pressure to prescribe medication and where that pressure comes from. During the analysis process the interviews were transcribed in full and the speeches were put in two categories, intermediate and final. The following categories emerged as a result of this study: The pressures of society on medication; Strategies to avoid the pressure; When is the medicine welcome; The medication as a quick solution to problems and Diagnose and medicate.

Keywords: MEDICALIZATION; SOCIAL PRESSURE; CHILDHOOD; ADOLESCENCE; PSYCHOLOGY.

INTRODUÇÃO

As concepções de infância e adolescência são construções sociais que vêm sendo transformadas ao longo do tempo. “O que é ser criança, ou quando acaba a infância, pode ser pensado de maneira muito diversa em diferentes contextos socioculturais (...)” (Cohn, 2005, p. 22). Apesar de o conceito variar de cultura para cultura, a inserção de crianças e adolescentes na sociedade é marcada por eventos significativos, e sabemos que a convivência em sociedade exige certos comportamentos de seus integrantes, que podem os definir como normais ou anormais, ou seja, existem comportamentos que são esperados de crianças e adolescentes, e quando se define um modo de agir considerado “normal”, surge a necessidade de corrigir os desvios, as adaptações e regras em busca de normalidade se impõem.

Nos últimos cinquenta anos, ocorreram mudanças significativas na história da psiquiatria, dentre as quais temos os novos procedimentos diagnósticos, propostos a partir da produção do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), atualmente em sua 5ª edição. Temos também os avanços da medicalização como forma majoritária de intervenção terapêutica na atualidade. Medicamentos que prometem aliviar os sofrimentos existenciais, e no caso das crianças “normalizar” seus comportamentos (Lima & Vieira, 2014).

Considera-se como forma de correção dos desvios e normalização dos sujeitos, o uso de medicamentos, o que pode acarretar um processo de medicalização, e que ocorre quando “problemas” que até então não eram de ordem médica, passam a ser tratados com o uso de medicamentos, é o uso da medicação como forma de controle dos corpos a fim de garantir que não se fuja do que é definido como normal. Sendo assim, esse conceito pode ser compreendido “(...) como um processo que produz realidade e conforma modos de existir. É um processo que fabrica subjetividades medicalizadas, produz modos de existência e gerência de vida, de saúde” (Decotelli, Bohrer & Bicalho, 2013, p. 451).

Compreende-se então que a medicação vem sendo usada como um dispositivo regulador sobre o normal e o patológico em nossa sociedade atual. Tal fato tem acarretado numa onda de medicalização de nossas crianças a partir da lógica diagnóstica do DSM aplicada ao sofrimento psíquico. O uso da medicação como recurso terapêutico, é indiscutível em alguns casos, porém, enfatiza-se como negativo, sua banalização e aspecto normatizador (Lima & Vieira, 2014).

A medicalização na infância e adolescência geralmente surge a partir de desvios de comportamento, que são caracterizados por quebra de normas e regras impostas socialmente. Sendo assim, o processo de medicalização está diretamente relacionado ao que é considerado um desvio social e ao controle desses desvios (Brzozowski & Caponi, 2013).

O aumento do uso de medicações psiquiátricas na infância e adolescência, bem como o grande número de encaminhamentos destes aos serviços de saúde mental faz pensar sobre qual o lugar dessa medicação no atual contexto de profissionais que atuam nesse campo. Diante disso, levantamos a seguinte questão: será que existe necessidade de medicar as crianças e adolescentes ou os profissionais estão enfrentando uma pressão da sociedade?

REFERÊNCIAS

- Aguiar, M. P., & Ortega, F. J. V., (2017). Psiquiatria biologia e psicofarmacologia: a formação de uma rede tecnocientífica. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 27(4), 889-910. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v27n4/0103-7331-physis-27-04-00889.pdf> doi: 10.1590/s0103-73312017000400003
- Ariès, P., (1981) *História Social da Criança e da Família*. (2. ed.) Rio de Janeiro, RJ: LTC
- Bastos, L. C., & Biar, L. C. (2015). A análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *DELTA: Documentação e estudos em linguística teórica e aplicada*, 31(4), 97-126. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502015000300006 doi:10.1590/0102-445083363903760077
- Baumgart, J. L. S., & Zardo, P. L. G. (2016). A medicalização dos afetos: a ritalinização da infância e as implicações aos direitos da infância e adolescência. *Caderno da Escola de Direito, Centro Universitário Autônomo do Brasil*, 3(26), 81-94. Recuperado de: <http://revistas.unibrasil.com.br/cadernosdireito/index.php/direito/article/view/891>
- Beltrane, M. M., & Boarini, M. L. (2013). Saúde mental e infância: Reflexões sobre a demanda escolar de um CAPSi. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(2), 336-349. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000200007&script=sci_abstract&tlng=pt doi:10.1590/S1414-98932013000200007
- Bardin, L., (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005) Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(3), 68-80. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>
- Brzozowski, F. S., & Caponi, S. N. C. (2013). Medicalização dos desvios de comportamentos na infância: Aspectos positivos e negativos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(1), 208-221. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000200014&script=sci_abstract&tlng=pt doi:10.1590/S1414-98932013000100016
- Caponi, S., (2013). Classificar e medicar: A gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos. Caponi, S., Valencia, M. F. V., Verdi, M., & Assmann, S. J., (Orgs.) In: *A medicalização da vida como estratégia biopolítica* (pp. 97-115) São Paulo: LiberArs
- Cohn, C. (2005). *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar
- Decotelli, K. M., Bohrer, L. C. T., & Bicalho, P. P. G. (2013). A droga da obediência: Medicalização, infância e biopoder – notas sobre clínica e política. *Psicologia Ciência e Profissão*, 33(2), 446-459. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932013000200014&script=sci_abstract&tlng=pt doi:10.1590/S1414-98932013000200014
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes

- Giusti, K. G. (2016). *A medicalização da infância: Uma análise sobre a psiquiatrização da infância e sua influência na instituição escolar*. (Dissertação de pós-graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil). Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167722>
- Itaborahy, C. & Ortega, F. (2013). O metilfenidato no Brasil: Uma década de publicações. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(3), 803-816. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000300026
doi:10.1590/S1413-81232013000300026
- Lancetti, A., & Amarante, P., (2007). Saúde mental e saúde coletiva. Campos, G. W. de S., Bonfim, J. R. de A., Minayo, M. C. de S., Arkeman, M., Drumond Júnior, M., & Carvalho, Y. M. de., In: *Tratado de Saúde Coletiva* (2. ed. Revisada e aumentada. pp. 615-634). Hucitec
- Lima, K. M. A. & Vieira, M. K. M. (2014). O controle químico da criança: A infância entre a medicalização e a palavra. *Revista Expressão Católica*, 33(2), 201-206. Recuperado de: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/1448>
doi:10.25190/rec.v4i1.1448
- Matos, E., Pires, D. E. P. de., & Campos, G. W. de., (2009). Relações de trabalho em equipes interdisciplinares: contribuições para novas formas de organização do trabalho em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63(5). 775-781. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000500013&script=sci_abstract&tlng=pt doi:/10.1590/S0034-71672010000500013
- Ministério da Saúde. (2019). *Uso de medicamentos e medicalização da vida: recomendações e estratégias*. Brasília, DF: Autor. Recuperado de: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/fevereiro/15/Livro-USO-DE-MEDICAMENTOS-E-MEDICALIZACAO-DA-VIDA--1-.pdf>
- Moynihan, R., Cassels, A., (2007). Vendedores de doenças: Estratégias da indústria farmacêutica para multiplicar lucros. Pezzoli, M. L., (Org.) In: *Bioética como novo paradigma: por um novo modelo bioético e biotecnológico*. (pp. 151-156) Petrópolis: Vozes.
- Moysés, M. A. A., & Collares, C. A. L., (2015). Produção do fracasso escolar e medicalização da infância e da escola. Vasques, C. K., & Moschen, S. Z., (Org.). In: *Psicanálise, educação especial e formação de professores: construções em rasuras*. (pp. 61-104) Porto Alegre: Evangraf
- Oliveira, M. M. (2005). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Recife, PE: Editora Bagaço
- Silva, A. C. P. da., Luzio, C. A., & Santos, K. Y. P. dos., (2012). A explosão do consumo de ritalina. *Revista de Psicologia da UNESP*, 11(2). 44-57. Recuperado de: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127245>